

## LEI Nº 6590 DE 28 DE AGOSTO DE 1991

DENOMINA VIAS E PRAÇAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

A Câmara Municipal aprovou e eu, Prefeito do Município de Campinas, sanciono e promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - Ficam denominadas as seguintes vias e praças públicas do Conjunto Habitacional Lech Walesa (DIC IV) a seguir descritas e caracterizadas:

I - Rua "IBRANTINA CARDONA", a Rua 14, com início na Rua 12 e término na divisa do loteamento.

II - Rua "CARMEM DE ÂNGELIS NICOLETTI", a Rua 12, com início na Rua 16 e término na divisa do loteamento.

III - Rua "ANÁLIA FRANCO", a Rua 1, com início na divisa sudoeste e término na divisa norte do loteamento.

IV - Rua "CHIQUEINHA GONZAGA", a Rua 2, com início na divisa sudoeste e término na divisa noroeste do loteamento.

V - Rua "APOLONIA PINTO", a Rua 6, com início na Rua 17 e término na divisa do loteamento.

VI - Rua "ITÁLIA FAUSTA", a Rua 7, com início na Rua 17 e término na divisa sudoeste do loteamento.

VII - Rua "CECÍLIA MEIRELES", a Rua 8, com início na Rua 17 e término na divisa norte do loteamento.

VIII - Rua "BÁRBARA HELIODORA", a Rua 10, com início na Rua 16 e término na divisa sul do loteamento.

IX - Rua "FRANCISCA JÚLIA DA SILVA", a Rua 11 com início na Rua 15 e término na Rua 13 do loteamento.

X - Rua "MARIA DOLORES", a Rua 16, com início na Rua 17 à altura das divisas dos lotes 24 e 25 da quadra "O" e término na Rua 12 do loteamento.

XI - Rua "COLOMBINA", a Rua 21, com início na Rua 1 e término na Rua 02 do loteamento.

XII - Rua "ANITA MALFATTI", a Rua 22, com início na Rua 1 e término na Rua 2 do loteamento.

XIII - Rua "JANETE CLAIR", a Rua 23, com início na Rua 1 e término na divisa oeste do loteamento.

XIV - Praça "BERTA LUZ", a praça 1, com frente para a Rua 1 e fundos com a gleba de Elza Von Ah e Irmãos ou sucessores, do loteamento.

XV - Praça "AUTA DE SOUZA", a praça 2, formada pelo contorno das Ruas 1 e 23 do loteamento.

XVI - Praça "CONCHITA DE MORAIS", a praça 3, com sua frente para a Rua 1 e fundos com a gleba de Elza Von Ah e Irmãos ou sucessores, do loteamento.

XVII - Praça "GILDA DE ABREU", a praça 4, formada pelo contorno das Ruas 10 e 16 do loteamento.

XVIII - Praça "DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ", a praça 5 formada pelo contorno das Ruas 10, 16 e 17 do loteamento.

Artigo 2º - Ficam denominadas as seguintes vias públicas do Conjunto Habitacional Mons. Luis Fernandes de Abreu (DIC I) a seguir descritas e caracterizadas:

I - Rua "ADALGIZA NERY", a Rua 35, com início na Rua 49 e término na Rua 53 do loteamento.

II - Rua "DJANIRA DA MORA E SILVA", a Rua 37, com início na Rua 47 e término na Rua 52 do loteamento.

III - Rua "TARSILA DO AMARAL" a Rua 44 com início na Rua 33 do loteamento, e término na Rua 7 do Jardim Melina.

IV - Rua "CACILDA BECKER", a Rua 53, com início na Rua Nelson Barbosa da Silva e término na divisa sul do loteamento.

Artigo 3º - Fica denominada Praça "CARMEN CINIRA", a Praça 1 do loteamento Chácara Cnêo formada pelo contorno das Ruas João Alfredo Wilson da Costa e Prof. Jorge Leme do mesmo loteamento.

Artigo 4º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 28 de agosto de 1991

JACÓ BITTAR  
Prefeito Municipal





SAO PAULO, 31 DE AGOSTO DE 1958

- O Estado

# Barbara Eliodora

**E**stá alvoreçando os espíritos a notícia de que o editor José de Barros Martins cuida no momento da elaboração de grande dicionário da literatura brasileira, entregando para tanto o trabalho ao escritor Raimundo de Menezes, que se rodeou para isso de cinquenta colaboradores tirados dentre os publicistas que conhecem a vida e obra de determinados homens de letras.

A mim, além de outros nomes, tocou a poetisa Barbara Eliodora. Nem que fôsse de propósito — a escolha me veio ao encontro dos desejos, proporcionando-me a oportunidade de traçar em definitivo, á luz dos documentos que tenho em meu arquivo, a sintética biografia da bela esposa de Alvarenga Peixoto, figura montanhosa por aí tratada com reiterados equívocos.

Ainda agora, num livro lançado em B. Horizonte, escrito pelo sr. Martins de Oliveira, de vasta bagagem de obras em prosa e verso — *Historia da Literatura Mineira* — a filha da culta S. João del Rei, aparece com a vida marcada de faltas graves, que não podiam ser repetidas por um ensaísta da mesma terra e do porte do autor.

Considero principais responsáveis pelo que se tem imprimido de errado sobre a autora das doze famosas sextilhas que J. N. de Sousa Silva reuniu em *Obras Completas de Alvarenga Peixoto*, duas venerandas figuras de nossos quadros literarios — Americo Werneck e Afranio

Peixoto. O primeiro, poeta de imaginação ardente, criou em conhecido drama lirico uma Barbara Eliodora louquinha e semi-indigente, arrastando a sua desventura pelas ruas da Campanha do Rio Verde e S. Gonçalo do Sapucaí, embora fôsse Werneck o inventor do acertado cognome de sua conterranea — "Heroina da Inconfidência". O segundo, historiografo brilhante, mais um tanto apressado, faz Barbara nascer em S. Paulo e aqui descer de celebres bandeirantes do tronco dos "Silveiras".

Vem agora o sr. Martins de Oliveira e, em sua obra que merecia estudos mais precisos, repete coisas desta ordem: — "Barbara Eliodora, que trazia em seu nome os apelidos mais altos de gente de Taubaté (os Silveiras, os Buenos), nasceu, provavelmente, em 1758 em São João del Rei, pois batizada fora na então Vila, segundo se depreende do termo de seu casamento com Inacio José de Alvarenga Peixoto. Espanta que, em vista da incultura em que sempre ficavam as mulheres, segundo os costumes, apresentasse o grau de erudição e trato das letras. Seria ela a primeira poetisa do Brasil-Colônia. Sua vida, após a condenação do marido, correu sob angustias indizíveis, mitigadas pela religião. Veio-lhe, afinal, a noite da loucura".

Quantos defeitos em tão poucas linhas! Barbara Eliodora não trazia "Bueno" no apelido. Era apenas "Bueno" de sangue, por parte de mãe, e esse "Bueno" não provinha de Taubaté, mas da Vila de S. Paulo. Da Vila de Taubaté eram os "Silveiras", aliás também nascidos em S. Paulo. Mas Barbara não pertencia a esses "Silveiras", mas sim aos "Silveiras" da bela cidade lusa de Tomar, sendo o seu pai, o dr. José da Silveira e Souza, autentico português formado em Coimbra e dos primeiros advogados de São João del Rei.

Outra fantasia é a de que Barbara morreu enferma da cabe-

## AURELIANO LEITE

ça. Onde, em que escrito se viu tamanha inverdade? Os documentos que sobre ela possui, alguns estampados em *Vozes de Petropolis* pelo sr. Luiz de Melo Alvarenga, acompanham-lhe todos os passos da vida heroica, até á morte, em 1819, vitimada de tuberculose pulmonar. E deles o que transparece é a perfeita lucidez de espirito daquela admiravel criatura, cuja beleza, além de celebrada nos proprios versos de seu apaixonado esposo, decantou (o que ignora o autor da *Historia da Literatura Mineira*) A. D. Cruz e Silva, o juiz que, num capricho do destino, havia de tomar parte no julgamento do "crime" dos Inconfidentes.

O sr. Martins de Oliveira ainda atribui, em outro trecho de seu livro, ao historiador Augusto Viégas, meu particular amigo e querido colega de Parlamento, a correção do nome "Eliodora", eliminando-lhe o H. Ora, a não ser que Augusto Viégas tenha tido a iniciativa ao mesmo tempo que o autor destas linhas, foi este quem pleiteou a correção perante a Academia Paulista de Letras e o Patrimonio Historico e Artístico Nacional (está aí o seu illustre diretor, sr. R. de Melo Franco Andrade, que pode confirmá-lo).

Cronologicamente, também não parece licito considerar-se Barbara a primeira poetisa do Brasil-Colônia, como quer o citado autor. Antes dela, poetaram em Pernambuco, Rita Joana de Souza e, no Rio de Janeiro, a cega Angela do Amaral Rangel. Entendo, contrariando nesta parte o fecundo escritor Domingos Carvalho da Silva, que os versos de Eliodora valiam na verdade muito mais que os de Angela. Os de Rita não chegaram á posteridade.

Mas o livro do sr. Martins de Oliveira apresenta-se ingado de lacunas injustificaveis, e uma vez que estou com a mão na massa, vou a elas. O curioso é que no seu prefacio, diz textualmente:

"Tenho o proposito de fidelidade absoluta, sem reservas a nomes entre vivos e mortos, partam de onde partirem". Pois bem, correndo os olhos pelo seu indice onomastico, num instante, encontrei inumeras exclusões de figuras de intellectuais mineiros da estatura de Vital Brasil, Batista Caitano, Fernando Azevedo, Veiga Miranda, Couto de Magalhães Sobrinho, Freitas Guimarães, Galeão Coutinho, Horacio de Carvalho, Antonio Candido, Amadeu Cobra, Gontijo de Carvalho, João de Minas, Machado Florence, Nestor Massena, Pedro Saturnino — para só citar esses. E entre os que no livro se alinham notei algumas mediocridades pasmosas.

No capitulo "Aurora e esplendor do Simbolismo", dedicado a Alphonsus de Guimaraens, omite o sr. Martins de Oliveira a passagem do poeta por São Paulo, levando para a "Vila Kyrial", onde pontificavam José de Freitas Vale, padre Severiano de Rezen-de e outros, as suas principais produções, que fizeram da Vila Mariana o palco inicial do lançamento dessa escola, pelo meus neste Estado.

Falando de Raul Soares de Moura, lembra que admitiu como autor das celebres *Trovas de Crisfal* o poeta Cristovão Falcão, esquecendo-se de que coube a Sílvio de Almeida, outro escritor mineiro de talento e erudição, o juicioso e convincente estudo a favor do primoroso Bernardino Ribeiro.

Finalmente o autor belo-horizontino estropiou sem dó nem piedade a satira poetica de Corrêa Garção, contra os Paulistas, quebrando e truncando os seus versos.

Se tivesse seguido as pegadas do illustre sr. João Dornas Filho, que já tratou despreziosamente da literatura mineira ainda que em ensaio de menor dimensão, teria logrado maior exito.

Bem fez o intelligente editor José de Barros Martins em confiar o futuro Dicionario da Literatura Brasileira a especialistas de cada grupo de escritores. Assim evitará as cinzas que sobram em obras desse genero.



# Bárbara Heliadora

FULVIA CARVALHAES DE FREITAS

Corria o ano de 1778. A pacata Vila de São João Del Rei testemunhava um grande acontecimento: Inácio de Alvarenga Peixoto, guapo rapaz que ostentava o título de Ouvidor da comarca do Rio das Mortes, e que se formara em Coimbra, recebia por mulher a Bárbara Heliadora, a mais meiga, a mais linda, a mais culta e inteligente filha da Província das Minas Gerais.

Que promissora união! E a vida do casal foi, realmente, uma verdadeira história das Mil e Uma Noites, com uma nova Schéherazade, mas tão bela e viva quanto a outra...

A grande fortuna, em curto prazo adquirida, permitia-lhes a manutenção de uma opulenta casa, onde viviam como nababos. Dos inumeráveis bens do Ouvidor, porém, o mais valioso não eram as baixelas de prata, nem a bonita e trabalhada mobília, e, muito menos, o grande número de escravos. Alvarenga Peixoto era o mais rico e invejado senhor de toda a região porque lhe pertencia esta rara gema: Bárbara Heliadora!

Em tal esplendor, acrescido pelo nascimento de três encantadores filhos, viveram alguns anos. Mas veio o despertar desse sonho. Um despertar amargo, terrível, com uma infelicidade imensurável.

Alvarenga Peixoto, embora gozando de todos os privilégios, foi sacudido por horrível estremeção. Inesperadamente, irrita-lhe sobremaneira o jugo lusitano, a cupidez irrefreável dos reinóis, o ilimitado orgulho do soberano de além-mar. Agora, surpreende-se com a delonga em sentir o peso da opressão.

Não há tempo a perder. Mãos à obra.

E vieram as reuniões, os colóquios, os planos, vindo, também, a grande esperança da vitória.

Na calada da noite, só a velada voz dos Inconfidentes, mas perfeitamente audível por Silvério dos Reis...

E veio a denúncia. E vieram as prisões. E veio o degredo e a degredação.

O mundo encantado de Bárbara Heliadora se transformou num Inferno, em tudo igual ao de Dante, ostentando, até, o «Deixai toda a esperança...»

A poetisa mineira foi assistindo ao desmoronamento de seu Lar: espôso prêsô, bens confiscados, descendentes infames! E sem lembrar aquela quase decisão de Alvarenga Peixoto — denunciar os companheiros, aqueles mesmos companheiros com que tramara toda a rebelião e com os quais peregrinara pelo mundo sublime da Poesia...

Foi, então, que o vulto de Bárbara Heliadora se agigantou, aquele vulto que sempre fôra superior ao

das mulheres de seu tempo: no garbo, na intelligencia, na educação e em suas marcantes decisões.

Quando viu Alvarenga Peixoto fraquejando, por apavorado estar com o que poderia acontecer à sua espôsa e filhos, é que mostrou, realmente, sua tempera.

Fraquejar,! Trair os que nêle confiaram, a fim de assegurar posição e conforto a sua família?! Se a luta foi pela Independência, porque, então, recuar, se ao menos um direito todos iriam ter: o direito de morrer pela Liberdade!?

O sacrificio de algumas vidas seria a semente a fertilissimo solo brasileiro... Surgiriam outros Alferes, surgiriam outros Poetas e Sacerdotes, e surgiriam, certamente, grandes Matronas Mineiras...

Os dias arrastavam-se doridamente, timbrados todos por cruel saudade. E terrivelmente iguais. E horríveis! Horríveis! Bárbara só os distinguia pela maior dose apresentada de amargura, de tristeza, de vazío!

Que dor pungente daquela mulher sempre admirada por todos e tão ardorosamente amada pelo guapo Ouvidor do Rio das Mortes, que, agora, apodrecia no cárcere!...

Com o passar dos meses, a inspirada poetisa de São João Del Rei foi penetrando num outro mundo, um mundo lindo e diferente daquele que, até então, habitara. Um mundo sem opressão, sem lutas, sem algozes, sem ouro, sem Derramas, sem devassas... Um mundo só de Amor, do ardente amor do elegante homem que era seu espôso, e dos mais calorosos beijos de três lindas crianças...

Versos... Versos... Era só o que lhe vinha à mente... E tudo era tão lindo: as ladeiras, os chafarizes, as pontes, o céu, os riachos! Que ventura!

E a mais meiga, a mais linda, a mais culta e inteligente filha da Província das Minas Gerais, e que sempre faustosamente vivera, passou a viver (no momento exato em que tudo se conturbara e tudo perdera ela) num maravilhoso mundo de paz, de afeto, de abundancia!... O mundo da Felicidade continuava sendo o seu «habitat», se bem que, para dê-la usufruir, houvesse entrado no Reino da Demência...

Ela havia sido e continuaria sendo a mais feliz das mineiras. E completamente livre! Inconscientemente, fôra a primeira a desfrutar este Bem, por cuja aquisição pagaram tão duramente os Conjurados: a Liberdade!...

E não foi preciso que acabasses no patíbulo, ó Bárbara Heliadora Guilhermina da Silveira, para atingires a immortalidade. Padrilhando sozinha — e com que estoicismo! — toda uma estrada de amargura, tu te igualaste ao magnifico Tiradentes, com êle escrevendo a mais brilhante página da nossa Pátria: a Inconfidência Mineira!

## Barbara Heliodora - poetisa

DOMINGOS CARVALHO DA SILVA

Barbara Heliodora é uma figura difícil de estudar com objetividade, por uma razão óbvia: sobre a frente da esposa de Alvarenga Peixoto reluz a aureola do mito. Bela, talentosa, desassombrada e sacrificada a um duro destino, passou Barbara á posteridade entre lendas que floresceram mais do que as rosas de sua sepultura em São Gonçalo do Sapucaí. Já houve quem a apresentasse como "poetisa de renome", muito embora os versos que deixou não sejam suficientes para julgá-la nem indiscutíveis quanto á autoria (1). Houve também quem a retratasse nas ruas de São João Del Rei, demente, de cabelos soltos e braços abertos, gritando pelo marido desterrado e morto em Africa e pela filha Maria Ifigenia, morfa num acidente aos quinze anos de idade (2).

Barbara Heliodora, Guilhermina da Silveira que, ao que parece, usou em menina o nome de Barbara Francisca Xavier da Silveira (3) não foi louca notória nem poetisa notável. Sua figura humana — que simboliza todas as virtudes da mulher brasileira do século XVIII — é bem mais fascinante do que a da literata ocasional, levada pela influencia do ambiente em que viveu a redigir algumas composições poeticas, quase todas certamente perdidas. Seu berço foi a cidade de S. João Del Rei. Num casarão da rua da Prata nasceu Barbara no ano de 1759. Seu pai, o advogado José da Silveira e Sousa, português de nascimento ou filho de portugueses, casara-se pouco tempo, antes em Goiás com Maria Josefa Bueno da Cunha.

Dona Maria Josefa era de origem paulista. Foi sua mãe Mariana Bueno da Cunha, natural de Atibaia (4). Pois bem: dona Mariana, avó de Heliodora, foi por sua vez filha do coronel Baltazar da Cunha Bueno, e neta portanto de Amador Bueno da Veiga. Amador Bueno, o Aclamado está, como se vê, entre os ascendentes diretos de Barbara em cujas veias o sangue amerindio (de Potira) e lusobraçoico (de João Ramalho) se mistura com o dos Buenos originarios do velho carpinteiro sevilhano Bartolomeu que, em fins do século XVI, veio parar ao planalto de Piratininga.

Como seria Heliodora? Alvarenga Peixoto deixou um "Retrato de Anarda" que se refere, provavelmente, a Barbara, solteira ainda. Na hipótese de Anarda ser realmente um criptonimo da jovem mineira, esta seria loura, e teria, além de "alvos dentes / postos em ala", covas no rosto que se acentuavam quando sorria, "mãos cristalinas", "roliços braços", cintura "delicada" que "toda se apruma / em se estreitar" e finalmente "pés delicados" também, e que o poeta comparou a "setas prontas / de duras pontas". Heliodora teria ainda "porte de Deusa, / Spirito nobre" (5).

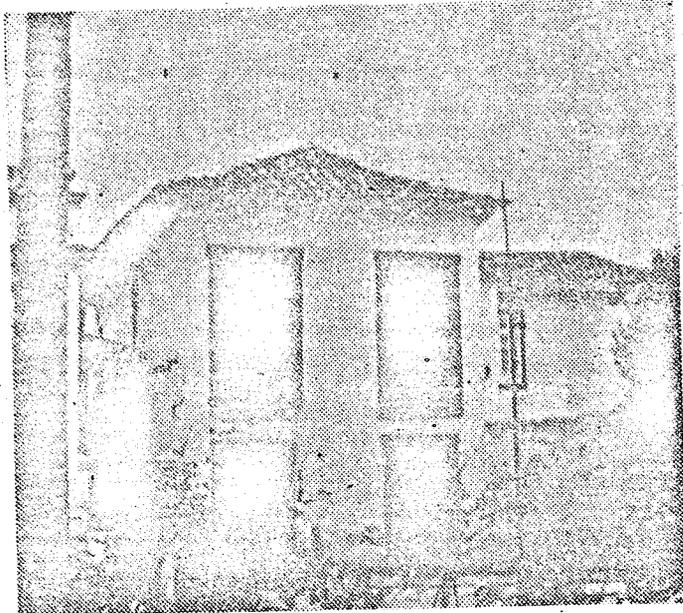
É bem possível que esse adjetivo — nobre — não fôsse usado apenas num sentido moral. O professor de musica de Ifigenia — filha de Barbara e Alvarenga — testemunhou, no processo da Inconfidencia, que a menina era chamada, em casa, Princesa do Brasil. No batizado de outro filho do casal — João Damasceno — celebrado em S. José Del Rei (hoje Tiradentes), em 8 de outubro de 1788, com a presença dos juizes Luis Ferreira de Araujo e Azavedo (do Rio das Mortes) e Tomás Antonio Gonzaga (da Vila Rica), Alvaren-

ga Peixoto, um pouco eufórico, lembrou a possibilidade de ser a Capitania de Minas transformada num Imperio, do qual seria ele o rei, e Barbara a rainha. Heliodora tinha seus motivos para justificar tais devaneios pois, além de ser descendente, como todos os velhos paulistas, do cacique Tibiriçá, era ainda sexta-neta de O Aclamado, Amador Bueno, que, tendo embora recusado o setro, ficou sendo para sempre o eleito, o ungido ao povo.

Barbara foi recebida em matrimonio por Inacio José de Alvarenga em 22 de dezembro de 1781. A essa altura já o poeta abandonara o cargo de ouvidor da comarca do Rio das Mortes e

ocupava Heliodora de um grupo seletissimo, tanto do ponto de vista social como literario e, muito embora as reuniões dos poetas fôsem muito raras, não é para admirar que a entusiasmassem e que ela também se entregasse aos exercicios da poesia.

A essa fase pertence o soneto "A Maria Ifigenia quando completava sete anos de idade", que tem sido atribuído, sem nenhuma prova de autoria, desde o "Parnaso Brasileiro" de Janeiro da Cunha Barbosa, a Alvarenga Peixoto. Conceituoso e moralista, tal soneto é uma contradição ás idéias do orgulhoso Alvarenga, como estes trechos mostram:



Nesta casa da antiga Rua da Prata, em S. João Del Rei, nasceu e viveu sua juventude Barbara Heliodora. Das suas janelas viu a poetisa mineira erguerem-se as firmes paredes da Igreja de São Francisco de Assis, construída pelo famoso arquiteto português Francisco de Lima Cerqueira. A casa ainda existe.

se dedicara á mineração. Era homem rico e cheio de iniciativas ousadas. Em 1789, ao ser procedido o sequestro dos bens dos inconfidentes, Alvarenga possuía sozinho maior fortuna do que todos os demais reunidos. É certo que tinha dividas consideráveis e por vezes fôra obrigado a empenhar objetos caseiros. Mesmo assim, era talvez o homem mais rico, ou que ostentava maior riqueza, na região do Rio das Mortes, da Campanha e de São Gonçalo. E por isso Heliodora podia adornar seus naturais encantos com joias numerosas, entre as quais um adereço de crisólitas, outro de topázios brancos com pedras verdes, brinços e pulseiras com pérolas etc. E, quando saía á rua, era levada por escravos, em sua cadeirinha de ombro com cortinas de veludo carmezim. Essa cadeirinha foi avaliada em oitenta mil réis, dinheiro suficiente para a compra de uma crioula de dezesseis ou dezessete anos, na época.

Nos anos que precederam a Inconfidencia, o coronel Alvarenga era apigado não apenas dos contratadores, governadores e capitães-generais, mas também de grandes poetas da lingua portuguesa, então residentes no Brasil: Antonio Diniz da Cruz e Silva, desembargador no Rio de Janeiro; Tomás Antonio Gonzaga, ouvidor na Vila Rica, e Claudio Mancel da Costa, velho advogado na mesma cidade. Assim, parti-

Tudo nas sextilhas "Conselhos" evidentemente já sido escritas muito depois da amarga decepção de 1789. Os filhos de Heliodora já não ser crescidos, quando adolescentes. De outro modo, ela diria:

*Se é tempo de professar  
De tãful o quarto voto.*

E, se eles não fossem já alia-betizados, e capazes de refletir, não teria certamente escrito:

*Não basta somente ler,  
E preciso ponderar,  
Que a lição não faz saber,  
Quem faz saber é o pensar.*

José Eleuterio, João Damasceno e Tristão — filhos de Barbara e Alvarenga — não tinham chegado ainda á idade escolar quando seu inditeto pai morreu em Ambaca, em 1793. Nem poderiam ainda entender o sentido desta advertencia:

*Com Deus e o rei não brincar,  
É servir e obedecer,  
Amar por muito temer  
Mas temer por muito amar,  
Santo temor de ofender  
A quem se deve adorar!*

A poetisa Barbara Heliodora escrevia, como se vê, com clareza, fluencia e graça. Mas, em seus versos didáticos, ressonava a amargura da viuva de um grande poeta e de um grande sonho:

*Neste tormentoso mar  
De ondas de contradições,  
Ninguém soletre feições,  
Que sempre se há de enganar;  
De caras a corações  
Há muitas leguas que andar.*

Não há prova material de que estes versos sejam de Barbara Heliodora Guilhermina da Silveira. Mas de quem seriam então? Quem teria os mesmos filhos orfãos a quem os endereçar, a mesma viuvez amarga, o mesmo sentimento de abandono e medo?

Como o soneto a Maria Ifigenia, as sextilhas são irrecusavelmente da malograda Rainha do Brasil, que aos sessenta anos (1819) morreu hectica em S. Gonçalo do Sapucaí.

Notas: 1) — "Poetisa de renome" é como a ela se refere Rodolfo Garcia em nota sobre Alvarenga Peixoto, in 2.a edição do "Florilegio" de Varnhagen; 2) — Na verdade: Barbara chegou a ser considerada demente, por sentença judicial, tendo-lhe sido nomeado um curador; isto porém só ocorreu 17 ou 18 anos depois da morte de Alvarenga; as razões são explicadas em artigo de Alberto Rocha, publicado in "A Opinião" de S. Gonçalo do Sapucaí em 11-10-1931; ainda sobre a "loucura", v. artigo de Henriqueta Lisboa, in "Diário de Minas" de 23-4-1950; 3) — V. o ensaio "Documentos genealogicos de Barbara Heliodora e Tiradentes", de Luis de Melo Alvarenga, in rev. "Vozes de Petropolis", setembro-outubro de 1954; 4) — No ensaio citado na nota 3 (supra) o sr. Luis de Melo Alvarenga informa "São João da Tiboca"; é engano na interpretação do texto manuscrito, onde se deve ler "São João de Tiguia", que passou depois a S. João de Atibaia. V. sobre o nome desta cidade o capitulo "A origem do nome", do livro "Atibaia", de Nelson Silveira Martins; 5) — V. "Obras Poeticas" de Inacio José de Alvarenga Peixoto, edição de 1865, pag. 217 usq. 222.

